

Haverá a necessidade de um restaurante na Tapada das Necessidades?

Opinião



A. Betâmio de Almeida

“Não devemos julgar que a expressão moderna é necessariamente melhor por ser moderna; devemos tentar distinguir o que é bom do que é mau.”
F. Caldeira Cabral (1908-1992)

Não é por gosto que escrevo este texto. É uma “necessidade” quase inexplicável de escrever sobre algo de que não sou perito. Escrevo como cidadão e observador atento. Escrevo sob o espectro que frequentemente me arrocha: a designada “querela dos Modernos e dos Antigos”. Não é a querela dos letrados franceses nos sécs. XVII/ XVIII, mas é o argumento usado *ad nauseam* para convencer ou para desconvenecer em debates estéticos e éticos. Conheço-o bem dos debates envolvendo as inovações tecnológicas. Mas é uma questão muito antiga. Samuel Mateus (revista *Cultura*, 29, 2013) refere o romano Tácito (56-120, d.C.) ao evocar o ciclo em que os *neoterici* se tornam *antiqui*. Um ciclo muito esquecido pelos arrogantes.

Convivi muitas vezes, como profano, com esse argumento supostamente “destruidor rápido” em polémicas lisboetas que suscitaram debates intensos. Em 2001, o elevador do poço do Borratém para o castelo de S. Jorge, com reuniões públicas nas Ordens dos Engenheiros e dos Arquitectos. Em 2008, a discussão sobre os contentores em Alcântara e a nova estação ferroviária. Em 2017, a polémica sobre um jantar no Panteão Nacional do Web Summit. Um “jantarinho” na opinião de uma secretária de Estado que afirmou ser preciso “destacar o sucesso” e “puxar o país para cima”. Ou seja, os modernos não devem incomodar-se muito com os antigos. Poderia juntar outros debates como o da prospecção de petróleo no Algarve que envolveu ilustres portugueses. Em todas estas polémicas lá apareceu o moderno (e o progresso) face ao antigo com mais força do que o bom face ao mau.

Mas vamos ao que me obriga a escrever. Vejo todos os dias as árvores da Tapada das Necessidades, vou lá muitas vezes para ler e observo os velhos e novos,



famílias nacionais e estrangeiras que descansam na relva ou passeiam entre as árvores. Vejo as crianças a brincar, vejo os patos e os pavões e o rio ao longe. Mostrei-os aos meus netos. Uma vez, distraído, fiquei preso na Tapada. Os portões fecharam e pensei que ia dormir com os patos. Mas isso é outra história. Uma jóia nacional dos sécs. XVIII e XIX, talvez única, classificada de interesse público e como sendo quinta e jardim históricos. Um ambiente romântico que foi da corte, agora é oferecido a todos por igual. Sem espaços para pagar, sem espaços para ricos e outros para pobres. O local escolhido pelo Presidente Jorge Sampaio para o seu gabinete. Manifestação de bom gosto, sem estragos. Tudo maravilhas? Não. Algumas construções abandonadas. A tutela quase ausente. O lado exterior do muro num estado que envergonha. Está publicado um livro maravilhoso, com gravuras e fotografias extraordinárias, que conta a história do palácio e da Tapada (Necessidades, Jardins e Cerca, coord. de C. Castel-Branco, 2001). Deve ser lido, se possível na Tapada? Então o que se passa na Tapada?

Num dia de Março, numa rua de Campo de Ourique, sou abalado por uma cidadã dinâmica que distribuía

um cartaz “em defesa da Tapada” e explicava convicta o que a CML lá queria fazer. Fiquei a saber que é socióloga. E jovem, será “antiga” ou “moderna”? Fui à Internet colher informações. Um contrato, um empresário da restauração (qual será a experiência neste tipo de ambiente?) que investe milhões de euros, um arquitecto e uma votação na assembleia municipal. Um restaurante, jardins e mais iniciativas. Mas com vantagens: instalações sanitárias e edifícios para *coworking* e para os “amigos do parque”. Não deve ser para mim. Em 30/3/21, o PÚBLICO preenche duas páginas com o assunto em estilo quase neutro, prudente, a cair para o “moderno”. Na Tapada nunca vi informação para os utentes. O processo administrativo e político é necessário, mas não é suficiente para a decisão ser boa.

Na Internet encontrei um comunicado do vereador responsável pela iniciativa (independente, mas muito conhecido) desmentindo afirmações dos críticos e prometendo para Maio um antepiano para discussão pública, mas com obras em Setembro, se não estou enganado. Não me tranquilizou, nem a muitos vizinhos da Tapada. Melhor será que nos digam que não vão abater árvores,

qual a área de intervenção, como vão recuperar as construções, quais são os condicionamentos durante a obra (poluição, danos na vegetação, poeira, viaturas, ruído...) e durante a exploração. Que tipo de restaurante será esse sem estacionamento, numa zona de ruas antigas? O restaurante é popular ou de luxo? Um quiosque simples e bem inserido seria uma boa ideia, um restaurante que segregue é um retrocesso grave. O livro citado contém regras para a elaboração de um plano de restauro que deveria ser tido em conta. Aguardamos as opiniões dos especialistas de património, dos historiadores, sociólogos e poetas, dos arquitectos-paisagistas, sucessores de Gonçalo Ribeiro Telles e Caldeira Cabral, e muitos outros. Todos muito silenciosos até agora. Talvez a covid seja a razão. Mas o essencial é o projecto ter a aceitação dos utentes da Tapada. A requalificação neste espaço deve ser feita com pinças, para não dizer de joelhos! É um património nacional, não é só local ou municipal e o mau pode ser irreversível no futuro.

É agora que a referida querela surge, emboscada entre as árvores da Tapada. O local é de ócio, de lazer. Mas o “moderno” é o contrário, é o negócio competitivo e rentabilizador. Um aeroporto é uma “cidade”, um convento é um hotel, uma casa num bairro antigo é um alojamento local, um museu é um centro comercial e agora a habitação é local de trabalho e de negócio. Pergunto: quando tudo for negócio (o “moderno”), o que é a humanidade, o amor, o “antigo”? Um negócio sem descanso? Mas vamos ser francos: o negócio é o único meio de ter dinheiro para a manutenção e melhoria mínima da Tapada das Necessidades? Precisamos mesmo do restaurante?

Na minha opinião, este é um caso em que o “moderno” se deveria submeter ao “antigo”. Para terminar. Primeiro: as referidas polémicas de 2001, 2008 e 2017 tiveram efeitos (ganhamos os “antigos”?). Segundo: no final de Março estava na Internet uma petição pública “Em defesa da Tapada das Necessidades” (mais de 10.000 assinaturas a 10/4/21). Para terminar: também sou independente, talvez “antigo” e talvez esteja errado.

Professor catedrático (emérito) da Universidade de Lisboa/ Instituto Superior Técnico

“

A requalificação neste espaço deve ser feita com pinças, para não dizer de joelhos! É um património nacional, não é só local ou municipal, e o mau pode ser irreversível no futuro